



Bate-boca e gafe na CPI

» JORGE VASCONCELLOS

A reunião da CPI da Covid que tomou o depoimento do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (DEM) teve bate-boca entre senadores, gafe do ministro das Comunicações, Fábio Faria (PSD), e até um meculpa do relator, Renan Calheiros (MDB-AL), que se envolveu em embates com aliados do governo nos últimos dias.

Um dos momentos mais tensos da reunião ocorreu quando o vice-presidente da CPI, Randolfe Rodrigues (Rede-AP), criticou o comportamento dos governistas que são titulares da comissão. Minoria no colegiado, esse grupo é formado pelos senadores Eduardo Girão (Podemos-CE), Ciro Nogueira (PP-PI), Marcos Rogério (DEM-RO) e Jorginho Mello (PL-SC). Randolfe se irritou depois que eles pressionaram para que o plano de trabalho da CPI, apresentado pelo relator, fosse à votação.

“Vamos trabalhar, tenha calma, o Palácio do Planalto está tranquilo, não precisa você ficar desesperado em nome deles não”, disse Randolfe, com ironia, a Ciro Nogueira, que rebateu: “Eu não estou desesperado, quem está desesperado é o senhor, que quer encobrir os desvios dos governadores”.

O vice-presidente da comissão, após frisar que é opositor do governador do Amapá, também debochou do fato de que pelo menos 11 requerimentos apresentados pela tropa de choque do governo na CPI terem sido elaborados dentro do Palácio do Planalto. Segundo o jornal *O Globo*, a assinatura da assessora especial da Secretaria de Assuntos Parlamentares da Secretaria de Governo, Thaís Amaral Moura, aparece nos metadados dos requerimentos que pedem a convocação de especialistas alinhados a Bolsonaro.

“Eu sei que você (Ciro Nogueira) está com a assessoria direta da doutora Thaís, lá do Palácio do Planalto. A doutora Thaís está lhe assessorando diretamente, está fazendo os seus requerimentos, a sua orientação está vindo de lá. Mas tenha calma, porque essa CPI vai investigar, ela vai construir o seu trabalho”, disse Randolfe. Ele acusou os governistas de fazerem várias tentativas para afastar Renan Calheiros do colegiado, pois “vão para o Supremo Tribunal Federal para obstruir toda vez, parece que é alguma coisa pessoal contra o relator, parece uma paixão pelo relator”.

Renan Calheiros tomou a palavra para dizer que, a partir daquele momento, não mais em-

Edilson Rodrigues/Agência Senado



O senador governista Ciro Nogueira fez a Mandetta a mesma pergunta enviada ao ex-ministro pelo chefe da Comunicação do Executivo

Outra realidade

Em outro momento do interrogatório, o senador Renan Calheiros fez pergunta semelhante. Mandetta respondeu que era outra fase da pandemia, sem casos confirmados no Brasil. Portanto, era pertinente tranquilizar a população para evitar que procurassem hospitais sem necessidade. “Estávamos em janeiro, fevereiro. Não havia um caso registrado dentro do país. O que havia naquele momento eram pessoas em sensação de insegurança e pânico”, destacou. “A orientação é que se observe, que não vá imediatamente para o hospital porque aglomera. Lá, um paciente positivo vai contaminar na sala de espera. Tenho visto essa máxima ser repetida e tenho percebido que é mais uma guerra de narrativas.”

barcaria em provocações. “Nós estamos tendo algumas dificuldades, hoje (ontem), novamen-

te, verificadas aqui, com enfrentamentos, tensões. Eu estou dizendo isto para, em meu no-

me, como relator, fazer uma autocrítica, pedir desculpas e dizer que, hoje, eu estou demonstrando, e serei assim durante todas as reuniões desta comissão parlamentar de inquérito. Eu não vou, de forma nenhuma, aceitar provocação de amigos e de companheiros”, frisou Calheiros, acrescentando que, “calado, estarei errado”.

Em outro momento, o ex-ministro Mandetta disse que uma pergunta feita por Ciro Nogueira teria sido redigida pelo ministro das Comunicações, Fábio Faria.

“Ontem, eu recebi essa pergunta exatamente nessa íntegra do ministro Fábio Faria. Eu acho que, inadvertidamente, mandou para mim a pergunta e quando eu ia responder ele apagou a mensagem. Então, eu vou responder para o senhor e para o meu amigo, que foi parlamentar comigo, ministro Fábio Faria”, declarou.

A pergunta era relacionada a uma orientação de Mandetta, à época como ministro, de que as pessoas não deveriam buscar atendimento médico em casos leves da **doença**.

“Depoimento além da expectativa”, diz Renan

» LUIZ CALCAGNO
» BRUNA LIMA
» RENATO SOUZA

O depoimento do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (DEM) na CPI da Covid deu a senadores as primeiras pistas sobre o caminho a seguir. Dois pontos ficaram evidentes: a necessidade de investigar a existência de um comitê paralelo de combate à doença, que serviria para sustentar o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro, e a necessidade de ouvir o ministro da Economia, Paulo Guedes, acusado pelo ex-titular da Saúde de ser o pivô da criação do falso argumento de que ou o governo cuidaria da saúde, ou da economia.

Para alguns senadores, o depoimento de Mandetta também dá pistas da possibilidade de o Executivo ter trabalho deliberadamente para a transmissão do coronavírus, na tentativa de criar uma imunidade de rebanho. É outro ponto que será investigado. Sobre o comando paralelo, surgiram nomes que podem entrar na lista de requerimentos para convocação. Entre eles, o do hoje ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Onyx Lorenzoni; e o do policial militar da reserva Jorge Oliveira, que ocupou o cargo na pasta até 31 de dezembro. Outro que

entra na mira é o filho do presidente, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ).

O relator da CPI, Renan Calheiros (MDB-AL), elogiou a sessão. “O ministro fez um depoimento produtivo, além da expectativa, recheado de informações, de números e de testemunhos. Sua presença nessa comissão vai ajudar muito para que possamos aprofundar toda a investigação”, destacou.

Suplente da CPI, o senador governista Luis Carlos Heinze (PP-RS) criticou os trabalhos. Defensor do uso da hidroxicloroquina no tratamento contra a covid-19, ele acusou a oposição de combinar o depoimento com o ex-ministro. “A gente sabia que senadores jogariam ensaio com Mandetta. Já tinha uma ordem de perguntas e respostas. Faz parte do processo. Não achei que seria diferente. A realidade tem de vir à tona. O que eu pautei é que temos que ter um tratamento. Tem médicos fazendo tratamento no peito e na raça”, enfatizou.

O também governista Eduardo Girão (Podemos-CE) voltou a defender a alternância de convocados e disse que o depoimento de Mandetta foi “satisfatório”. “Ainda temos um longo trabalho pela frente. Hoje (ontem), foi somente o primeiro depoimento, portanto, é prematura qualquer análise conclusiva”, ponderou.

Marcos Oliveira/Agência Senado



Renan Calheiros conversa com Randolfe Rodrigues: relator ficou satisfeito com a primeira sessão de depoimento

Vice-presidente do colegiado, Randolfe Rodrigues (Rede-AP) afirmou que vai apresentar requerimento para convocação do ministro Paulo Guedes. Em relação ao depoimento de hoje, de Nelson Teich, outro ex-ministro Saúde, o parlamentar dis-

se a expectativa é saber se a saída do médico tem relação com a imposição do governo em usar o chamado tratamento precoce, com cloroquina e outros medicamentos sem eficácia comprovada contra a covid-19. “Sobre Teich, ele ficou pouco tempo no

ministério (28 dias). Mas, com ele, começaram as tratativas sobre vacinas. Sobre ele, também, não ficou clara a razão da saída. É importante perguntar se a saída dele teve a ver com a imposição do tratamento precoce”, destacou Rodrigues.

O ministro fez um depoimento produtivo, além da expectativa, recheado de informações, de números e de testemunhos. Sua presença nessa comissão vai ajudar muito para que possamos aprofundar toda a investigação”

Renan Calheiros, relator da CPI

Ainda temos um longo trabalho pela frente. Hoje (ontem), foi somente o primeiro depoimento, portanto, é prematura qualquer análise conclusiva”

Eduardo Girão, senador governista

Para especialistas, declarações não surpreendem

» SARAH TEÓFILO

Apesar de o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta ter detalhado, na CPI da Covid, questões importantes sobre o enfrentamento da pandemia da covid-19 e compartilhado informações inéditas, especialistas avaliam que, no geral, muito do que foi dito por ele já havia sido observado no país desde o início da crise sanitária.

O ex-ministro afirmou, por exemplo, que a dúvida entre as recomendações do Ministério da Saúde e as do presidente Jair Bolsonaro confundiu a população. Isso já vinha sendo destacado por cientistas e entidades e profissionais da saúde.

Eles apontavam que o chefe do Executivo dá mau exemplo ao não usar máscara de proteção e ao promover aglomerações.

Fundador e ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Gonzalo Vecina Neto disse não ter dúvida de que o Brasil teria menos mortes e mais vacinas se o governo tivesse agido da forma adequada. “Eu não tive nenhuma surpresa com o que ele falou. Já tinha observado tudo isso. Não fui surpreendido por nada, e acho que ninguém vai se surpreender”, afirmou. “As coisas são tão óbvias que não precisa de CPI para saber que o que está acontecendo no Brasil é culpa do presidente da República.”

» Bolsonaro ironiza o ex-ministro

No dia em que o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta fez declarações à CPI da Covid que comprometem o governo federal, o presidente Jair Bolsonaro não dedicou muito tempo ao ex-aliado durante o encontro diário com apoiadores na porta do Palácio da Alvorada. “Mandetta é aquele do fique em casa e continue sem ar”, afirmou aos simpatizantes. A declaração é uma referência às orientações da pasta sob a gestão Mandetta para que pessoas acometidas pela covid-19 procurassem atendimento médico somente em caso de sintomas graves. À época, a medida foi defendida por especialistas como forma de proteger o sistema público de saúde do colapso.

Vecina Neto avaliou que, apesar dos alertas de Mandetta, o ex-ministro errou em dois momentos ao longo de sua gestão: na reestruturação da atenção primária à saúde, “que foi mais uma resposta ao Ministério da Economia para redução de gastos”, e em relação aos testes de coronavírus. “Não houve insistência grande, e a compra dos testes foi meio atabalhoada. Tanto que parte dos testes ficou estacionada no ministério”, enfatizou.

Comportamento

O diretor científico da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal, José Davi Urbaz, ressaltou que especialistas e auto-

ridades sanitárias “têm apontado esse comportamento ruim do governo federal” há tempos. “É uma série de empecilhos, como tratamento precoce, que não tem evidência científica, e essa questão de negar, de maneira sistemática, todas as normas que a OMS (Organização Mundial da Saúde) indica, como uso de máscara, distanciamento social, restrição de circulação de pessoas”, frisou.

Urbaz destacou que “se isso tivesse sido colocado em prática, teríamos evitado, com certeza, uma grande quantidade de mortes”. O médico citou que a história seria completamente diferente, até pelo perfil do Brasil, que tem um Sistema Único de Saúde

(SUS) “com experiência no manejo de doenças infecciosas”.

Infectologista do hospital Emílio Ribas, em São Paulo, Jamal Suleiman disse não haver dúvida alguma de que o país teria menos mortes se o governo federal tivesse tomado as medidas corretas no momento certo. Ele disse ser fundamental que a autoridade (o presidente) acolha as ideias e indicações dos seus assessores — no caso, o ministro —, o que não foi feito. “Poderia ser diferente, se a pessoa (presidente) fosse diferente”, afirma, pontuando que, como observador do processo e das ações do Executivo, não se surpreendeu com o que foi dito por Mandetta.